



O Pai de John dos Passos

JOSÉ ÓSCAR SARAIVA MARINHO
Diretor Adjunto do R.G.P.L.

Quando em meados de 1976 produzimos um modesto trabalho sobre a vida e a obra do notável romancista norte-americano John dos Passos, com vista a sua utilização numa série de palestras de cuja orientação o Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura nos havia incumbido, referimo-nos apenas vagamente ao pai daquele escritor.

Ao reler, mais tarde, uma das suas obras quase desconhecidas do grande público **The Best Times*, editada em 1966 *a qual constitui um valioso subsídio para o conhecimento das aventuras e existência do autor de **Trilogy USA**, não resistimos à tentação de anotar alguns aspectos envolvendo a agitada vida do luso-americano John R. dos Passos, cuja conduta paternal deveras impressionou o escritor.

John R. dos Passos nasceu em Filadélfia, em 1844. Era filho do emigrante português Manuel dos Passos e de Lucy Catell, descendente de Quakers de South Jersey.

Manuel dos Passos nascera em 1812, em Ponta do Sol, uma minúscula povoação de pescadores e agricultores, situada a leste do Funchal.

A família de Manuel dos Passos era essencialmente constituída por modestos funcionários administrativos e alguns padres, pelo que poderá afirmar-se que pertencia à classe média madeirense.

Na praça central de Ponta do Sol existe uma casa, de aspecto sólido, com as sete estrelas da Ursa Maior gravadas sobre a porta, ainda hoje conhecida pelo nome de Vila Passos.

Manuel dos Passos teve de abandonar apressadamente Ponta do Sol, ainda muito jovem, em consequência de um incidente relacionado com um crime de morte por apunhalamento.

Emigrou para os Estados Unidos, tendo desembarcado em Baltimore.

onde exerceu a profissão de sapateiro.

Transferiu-se, mais tarde, para Filadélfia. Casou. Teve filhos. Ganhava pouco, mas era extremamente exigente.

Se, por exemplo, não gostava da maneira como determinado prato fora cosinhado, abria a janela e atirava-o à rua!

Imagine-se o que sentiriam os filhos, esfomeados, ao verem desaparecer, pela janela, o que deveria ser o seu jantar.

Tinha, em resumo, um feitio terrível.

Foi justamente neste ambiente que cresceu John R. dos Passos, pai do escritor.

Depois duma tentativa de fuga para o mar, ante a ameaça paterna de interná-lo num Seminário, John R. dos Passos foi trabalhar, como “office boy”, numa firma de advogados.

Não tardou em transformar-se no principal sustentáculo da família.

Quando estalou a guerra da Secessão alistou-se como tambor num Regimento da Pennsylvania. Parece não ter nunca assistido a qualquer combate.

No entanto, foi mandado para casa, gravemente doente com desinteria.

Iniciou-se no estudo de Direito no escritório dum certo Senhor Price, no qual prosseguiu, como aluno nocturno, na Universidade de Pennsylvania.

Ao que se sabe, o Senhor Price tinha grande admiração por John R. dos Passos, cuja bondade este sempre exaltou.

Aos vinte e três anos, mudou-se John R. dos Passos para New York, onde ocupou o escritório que fora de Aaron Burr.

Obteve o seu primeiro êxito ao conseguir que fosse transformada em homicídio involuntário a acusação formulada contra um francês que assassinara a mulher a tiro, num acesso de ciúme.

Logo em seguida, foi convidado a fazer parte do grupo de advogados de defesa do jovem Edward S. Stokes, membro duma rica e, por isso, influente família de New York, condenado, no julgamento de primeira instância, por ter morto perante numerosas testemunhas, no vestíbulo do Grand Central Hotel, da Broadway, Jim Fisk, um conhecido especulador financeiro.

Conseguiu que o veredicto fosse invalidado.

O sucesso obtido no caso Stokes, um dos julgamentos mais sensacionais da década de setenta, em New York, fez com que se tornasse, aos vinte e sete anos, um dos mais conceituados advogados do foro daquela cidade.

Casou, então, com uma senhora possuidora não só de bens de fortuna, mas também de elevada posição social.

Mudou-se para um novo escritório, no “Mills Building”, em frente à Bolsa e tornou-se perito em assuntos e leis afetos à corretagem, em associação com o seu irmão mais novo, Benjamim.

Mesmo depois da morte prematura de Benjamim dos Passos, substituído por vários outros sócios, a firma manteve a sua denominação inicial:

“Dos Passos Brothers”.

John R. dos Passos resumiu os seus profundos conhecimentos práticos de corretagem no “Tratado sobre as Leis de Corretagem e Bolsa” que, sem demora, se tornou o principal compêndio de tal matéria nas Faculdades de Direito dos Estados Unidos.

It has been a great honor for me to be
received so cordially - with such brotherly hospitality
- this magnificent library built by Portuguese
immigrants. As the grandson of a Portuguese
immigrant I am deeply touched by such a
reception. Thank you very much.

John R. dos Passos
Rio 7/24/58

No período áureo das fusões das sociedades e dos monopólios, sob a forma de leis corporativas, John R. dos Passos, mercê do seu inegável talento no que se refere à interpretação das disposições legais e a relações humanas, era sistematicamente consultado sobre todos os problemas difíceis.

Os seus honorários pelos pareceres legais que emitiu envolvendo os "interesses Havemeyer", ao formar-se o monopólio do açúcar, foram considerados os mais elevados até então cobrados.

Trabalhou igualmente na reorganização das ferrovias do Eril de Reading e Texas-Pacífico.

Compilou um Tratado, denominado "Trusts Comerciais", contendo interessantes ensinamentos resultantes da experiência adquirida nas várias intervenções de natureza jurídica que lhe foram confiadas.

Por virtude dos seus íntimos contactos com gente da alta finança, tentou fazer fortuna à custa de investimentos que julgava serem bastante lucrativos: Rede Ferroviária Mexicana, compra e venda de terrenos no Parque Chaltepéc, motores "diesel", túneis, sob o rio Hudson, além de outros.

Falhou.

John R. dos Passos mostrou-se mais hábil na edificação da fortuna dos seus clientes do que na sua própria.

Era, além disso, um homem de hábitos dispendiosos, pelo que não raro se encontrava sem um centimo.

Faltavam-lhe, sem dúvida, a insensibilidade e a mesquinhez tão características dos "self made men" para quem trabalhava!

O filho escritor descreveu-o como um homem baixo, de ombros largos,

calvo, míope, com um bigode grisalho, usando uma bengala de cerejeira para caminhar.

Levantava-se sempre entre as cinco e as seis horas da manhã.

Cantava bem e, por isso, entretinha os seus convidados, após o jantar, com razoáveis interpretações de números do “Pinafore”, de “La Belle Helène”, de “O Mikado”, ou dos “Sinos de Corneville”.

Era um orador público de mérito, para o que deve ter contribuído a sua extrema habilidade em recitar cenas inteiras das principais peças de Shakespeare.

Raramente perdia o sentido do humor, em flagrante contraste com a inconstância das atitudes dos ricos cujos interesses servia, sem todavia imitá-los.

A bondade era outra das suas qualidades: sustentava vários parentes necessitados e estava sempre disposto a pagar dívidas de amigos a quem a infelicidade havia batido à porta.

Profundamente apaixonado pelo mar, dizia-se descendente dum lendário pirata português, fato que jamais pôde ser provado.

Era um excelente nadador e um brilhante velejador, qualidades provavelmente herdadas dos seus ancestrais.

Comprou uma veloz escuna de Gloucester, convertida em iate, chamada “Mary Wentworth” e, mais tarde, um iate a vapor, de trinta metros, que batizou de “Gaivota”.

Filho de emigrante, aspirava a uma república perfeita, baseada na tradição anglo-saxónica de liberdade individual e justa distribuição das riquezas. Seria, hoje, um social-democrata convicto.

Era, porém, demasiadamente sincero nas suas opiniões e, por tal motivo, jamais brilhou na Política.

Destestava Theodore Roosevelt.

As suas relações amorosas com a mãe de John dos Passos, que habitava uma casa na Rua Dezanove, em Washington *o número 1201 *mantiveram-se tecnicamente irregulares enquanto a primeira mulher viveu.

Só na Europa podiam, abertamente, viajar juntos, o que, de resto, acontecia com certa frequência.

Orgulhoso da sua ascendência lusa, admirava a honestidade pessoal dos portugueses e dos espanhóis, embora as considerasse desesperantes quando tentavam trabalhar juntos numa estrutura política.

Preferia, pois, defender a arte, tipicamente britânica, de governar com leis justas, povos coesos por forças dessa leis.

Em 1903, publicou “O Século Anglo-Saxónico”, o único dos seus livros que conquistou um vasto público não envolvido na sua atividade forense.

Era, sobretudo, um apelo à união de todos os povos de língua inglesa, a qual, em seu entender, representaria a única forma de conter a expansão bolchevista, que já então admitia ser uma ameaça às instituições livres.

O livro foi, talvez, melhor recebido na Grã-Bretanha do que na sua pátria.

Os “self made men” mostraram-se sempre adversos a quaisquer tentativas de união. Daí a sua actual decadência.

John R. dos Passos teve a honra de ser elogiado pelo próprio Rei Eduardo, quando lhe foi apresentado, em Londres.

Já relativamente idoso, decidiu começar a estudar grego clássico e a aperfeiçoar os conhecimentos gramaticais de Francês, idioma que falava e escrevia com certa fluência.

Costumava ler o "Paraíso", de Milton, aos domingos de manhã, durante o pequeno almoço, dizendo que era melhor do que ir à Igreja.

As férias eram quase sempre passadas em Sandy Point, na companhia do filho John e de sua mãe.

Era extremamente comunicativo: conhecia homens ilustres, como Mark Twain e Thomas Edison e gente simples, como polícias e cocheiros, por todos se interessando.

Até ao fim da vida, foi sempre a pé da residência, na Rua Cinquenta e Seis, para o escritório, no Edifício do Cabo Submarino em Broad Street.

Adorava comer línguas de bacalhau e dobrada grelhada.

Quando a primeira Grande Guerra começou, trabalhava no seu último livro "Mão-Morta Comercial", no qual tentou definir o que eram monopólios socialmente desejáveis, distinguindo-os dos perniciosos.

Depois duma longa enfermidade, morre a sua segunda esposa.

Restam-lhe os filhos John e Louis, além da Senhora Harris, dedicada governanta.

Em princípios de Janeiro de 1917, começa a sentir os efeitos duma incômoda doença: a gota.

No dia 26 desse mês, adoeceu gravemente.

Encontraram-no inconsciente, no chão da casa de banho. Os médicos diagnosticaram uma pneumonia.

Faleceu em 27 de Janeiro, quando o filho John dos Passos se encontrava ainda em Madrid, estudando Arquitetura.

Determinou, no seu testamento, a vontade de ser sepultado ao lado da segunda esposa, no cemitério da velha Igreja Yeocomico, em Tucker Hill, na Virgínia.

O testamento deste ilustre luso-americano termina da forma seguinte:

"Como considero a morte apenas uma época, numa viagem perpétua e como tenho a certeza de entrar numa vida melhor e mais feliz, não quero que a minha família use luto por mim. Pelo contrário, desejo que recebam o acontecimento com alegria e, em vez de solenidade, que o celebrem com verdadeiro júbilo. O Homem é o ser mais inferior da Terra, o mais baixo da escala da vida animal e vegetal. Aquele que morre tem forçosamente de encontrar qualquer coisa de melhor na outra vida. O grau ou estado que ocupará na sua nova existência dependerá da sua cultura intelectual e moral. Assim, eu não temo a morte, mas antes considero-a como uma visita feliz e bem-vinda. Se o tempo o permitir, desejo que me façam um festival fúnebre em Sandy Point, com cerveja, ponche e comidas apropriadas. E que aqueles que tomarem parte nas festividades se lembrem de que não os invejo. Pelo contrário, lamento-os".

John R. dos Passos soube emancipar-se, sem ódio, das recordações duma infância difícil; soube aproveitar, mercê da sua apreciável força interior, todas as possibilidades de realização pessoal que a vida lhe proporcionou; soube suportar, com resignação, a infelicidade que por vezes, também o atingiu; soube lutar, com compreensão e elegância, pelos seus ideais; soube aceitar,

com serenidade, a temporalidade da vida, acreditando na imortalidade da alma.

Lembramo-nos, ao terminar este brevíssimo trabalho, dum pensamento do professor Roy Wood Sellars, consagrado filósofo norte-americano, contemporâneo de John dos Passos:

“Deixemos que o Homem repouse sobre os seus próprios pés e que tenha confiança nos seus poderes. O Universo não é inamistoso, antes é o cenário natural do seu nascimento e das suas conquistas. É algo em que se deve trabalhar de um modo humano, bravamente, criativamente, e de maneira sábia. Eis aqui uma nova atitude, aquela do adulto que se encontra a si próprio, decidido a moldar o seu próprio destino, ciente de que a vida não é um mar de rosas, sabedor de que a tragédia pode atingi-lo, mas ainda assim ele luta por todas as coisas honráveis e de merecimento. Aqui temos o Homem e a Religião entrando na idade adulta”.